

## O GOVERNO PELO MEDO NOS DISCURSOS DA MÍDIA DIGITAL

Francisco Vieira da Silva<sup>1</sup>  
Regina Baracuh<sup>2</sup>

*Depois morreremos de medo  
E dos nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.*  
(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

*Deixo de lado o vulgo, a quem ele mostra ora os bisavós saídos do túmulo,  
envolto em seus sudários, ora lobisomens, duendes e quimeras. Mas, entre  
os próprios soldados, onde deveria encontrar menos espaço, quantas vezes  
transformou um rebanho de ovelhas em esquadrão de couraceiros? juncos  
e caniços em homens armados e lanceiros? nossos amigos em nossos  
inimigos? e a cruz branca na vermelha?*  
(MONTAIGNE, 2002, p.110).

Ambas as epígrafes, ainda que apartadas por uma substantiva diferença temporal, do ponto do momento histórico em que foram produzidas, discursivizam um mesmo aspecto: o medo. Situado no ponto de entrecruzamento das ânsias individuais com as preocupações de ordem coletiva (DELUMEAU, 2009), o medo, desde tempos imemoriais, suscita inquietações filosóficas, desarticula a aparente tranquilidade dos homens, desde o sujeito que teme os mistérios da natureza em lugares longínquos, no tempo e no espaço, até aquele que se preocupa com suas angústias na janela do apartamento de uma grande cidade. De todo modo, o medo está intrinsecamente atrelado à constituição da natureza humana ao longo da história, e, embora persistam alguns tipos de medo, outros surgem, em decorrência de determinadas contingências sociais e culturais, típicas dos dias de hoje.

Só para citar algumas dessas transformações no cerne da cultura do medo, vale salientar que assistimos a uma contínua supressão do medo matizado pelo espectro do mito, do fantasioso, do quixotesco (EGIDO, 2006), o medo de que fala

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba.

Montaigne na segunda epígrafe deste texto, ante a proeminência dos efeitos de temor advindos das evidências científicas, calculáveis e, portanto, irrefutáveis, aos olhos do senso comum e do mitológico. Em síntese, ressignificando os dizeres de Lucien Febvre, Bauman (2009, p.9) diagnostica: “Vivemos de novo uma era de temores”.

Nesse sentido, Courtine (2008) argumenta que, nos últimos anos, o dispositivo midiático tem lançado mão de uma série de estratégias discursivas que sinalizam para uma intermitente sensação de pânico advinda dos mais diferentes lugares, de modo a delinear a construção de um governo pelo medo, donde derivam determinadas formas de subjetividade, emolduradas de acordo com a necessidade de temer e de se precaver dos mais diversos perigos que nos espreitam.

Seguindo esse raciocínio, as considerações de Courtine (2008) permitem-nos constatar que, ultimamente, de modo mais vigoroso, emergiu uma série de condições de possibilidade responsáveis pela aparição de uma gama de discursos acerca do medo, tanto num nível mais global quanto no âmbito mais local. Indubitavelmente, os ataques terroristas de onze de setembro de dois mil e um instauraram uma atmosfera de pavor por todo o globo, devido à midiatização a que esse acontecimento atrelou-se (GREGOLIN, 2003). Além disso, as revelações apocalípticas engendradas pelos discursos em torno do aquecimento global acentuam ainda mais esse cenário de pânico em que se aglutinam a iminência de desastres e catástrofes naturais com o recrudescimento dos conflitos armados em escala planetária. Nas palavras de Courtine (2008): “Para qualquer lado que voltemos, parece que podemos prolongar infinitamente a lista de medos contemporâneos” (p.17).

Num nível mais local, aqui pensando no cenário brasileiro, convém atentarmos para uma variedade de estratégias discursivas demandadas pela mídia, nos seus diferentes desdobramentos, as quais estabilizam determinados sentidos em torno dos perigos incrustados na questão da violência urbana, de modo a sugerir que ninguém está incólume aos efeitos maléficos desse problema, sempre colocado num viés da falta de segurança e de proteção (cf. BAUMAN, 2009a). Junte-se a isso a intensificação da nosofobia, em que a mídia se esforça em apontar tanto o caos do

sistema público de saúde brasileiro, como em exercer, na confluência com as práticas biopolíticas (FOUCAULT, 2005), a condução de políticas da vida, ancoradas em saberes que sinalizam para os riscos, comuns a todos os sujeitos, e dos quais não há como escapar.

Em última instância, temos o velho e inevitável medo da morte atravessando a construção desses discursos, pois, embora apontem para o avanço inexorável da ciência, no que concerne à cura das mais diversas doenças, bem como para o aprimoramento dos mecanismos de segurança e de vigilância (BAUMAN, 2013), ninguém está totalmente seguro e isento de ser vitimado por toda sorte de crimes e de enfermidades. O desenvolvimento científico e tecnológico não trouxe consigo a tão desejada segurança total, de que fala Bauman (2009a), pois os anseios contemporâneos não cessaram, pelo contrário, estão cada vez mais presentes.

Partindo dessas problematizações, interessa-nos analisar o funcionamento do discurso do medo na mídia, concebido no interior de estratégias que demarcam a atuação um governo de si e dos outros (FOUCAULT, 2010a), produzido e mantido por diversas instituições sociais, das quais a mídia apresenta uma posição privilegiada. Interessa-nos investigar, a partir da análise de determinadas materialidades midiáticas, o modo como se engendram um discurso pedagogizante, atravessado sobremaneira pelo espectro do medo. Seguindo a proposição de Fischer (2012), entendemos que a mídia não apenas informa ou entretém, como também produz sujeitos e significações, incita modos de agir e comportamentos, a partir de posicionamentos que engendram formas de governo de si e dos outros (FOUCAULT, 2010a).

Na proposta teórico-metodológica de Foucault (2010b), convém analisar os discursos, a partir do elemento nuclear que o caracteriza, o enunciado, concebido na leitura de Courtine (2009), como o grão, o átomo do discurso. Tal análise deve atentar, principalmente, para as seguintes propriedades: i) o enunciado está ligado a um referencial, que define uma instância de diferenciação e as relações postas em jogo pelo próprio enunciado; ii) o enunciado mantém com o sujeito uma relação determinada, sendo necessário definir a posição do sujeito que enuncia, entendido não como o sujeito gramatical, mas uma posição a ser ocupada por diferentes

indivíduos; iii) o enunciado possui um domínio associado, pois ele aparece como um elemento singular, numa cadeia de outras formulações; iv) o enunciado apresenta uma existência material, distinta da enunciação, o que confere ao enunciado um caráter repetível.

No texto a seguir, pode-se especificar de um modo mais detalhado o funcionamento de um discurso do medo camuflado em orientações, informações de cunho prático para as pessoas que cultivam o hábito de utilizar o transporte aéreo. Embora a texto contenha uma série de imagens de aeronaves, mostrando as partes que as compõe, bem como de restos de aviões acidentados, optamos por centrar nosso olhar sobre os enunciados linguísticos, a despeito de reconhecermos o papel crucial exercido pela imagem na construção híbrida dos discursos na *web*, aqui pensados sob o efeito da materialidade repetível do enunciado. Dessa maneira, observemos os fragmentos que seguem.

A ciência explica: Saiba o que acontece com seu corpo em um acidente de avião

Tragédias são raras, mas podem acontecer. Veja como funciona uma aeronave de hoje

Claro, pode-se argumentar que a parte mais assustadora de voar é estar em um gigante tubo de metal arremessado através da atmosfera. Mas não ter controle sobre as coisas podem dar errado é mais apavorante. Quando o avião apresenta turbulência ou fará uma queda perigosa, o trabalho dos assistentes de voo é manter todos calmos. Só que ter calma neste momento é coisa mais difícil do mundo, certo?

Em caso de um acidente, dependendo da velocidade de impacto, é provável que o seu corpo (que é de 70% de água) vai explodir. E se isso não acontecer, a explosão do avião certamente irá cuidar do resto. Cintos de segurança devem ter alças. Durante um acidente em uma velocidade mais lenta, as alças nos ombro poderiam salvar vidas, deixando as vítimas somente com hematomas no peito.

Cada uma das partes do avião é fabricada com os materiais mais baratos possíveis para reduzir o custo.

Se o seu avião atinge a água e você sobrevive, há uma chance de que você tenha hipotermia, o que, em águas frias, pode te matar em segundos. Se sua cabeça ficar debaixo d'água por algum tempo, a funcionalidade do cérebro pode ser prejudicada.

43 a 54% dos pilotos admitiram ter adormecido nas cabines durante um voo. Um terço deles já tiveram a experiência de acordar e também encontrar seu parceiro adormecido.

Às vezes, as companhias aéreas cortam custos e economizam no combustível, forçando aviões a descolar com menos do que a quantidade recomendada. (R7, 23/03/2015).

Ao discorrer acerca dos não lugares, Augé (2005) assinala que vivemos numa sociedade caracteriza por lugares que não integram a lugares antigos, mas se constituem a partir do provisório, do efêmero, da passagem. Nas palavras de Augé (2005), nascemos numa clínica e morremos num hospital, e, ao longo de nossa trajetória, frequentamos outros lugares também provisórios, como clubes de férias, acampamentos, hotéis, parques, aeroportos, estações ferroviárias, meios de transporte, dentre outros. Dessa maneira, interessa-nos pensar o itinerário de um voo enquanto uma categoria desses não lugares, os quais põem o sujeito em contato com uma outra imagem de si mesmo (AUGÉ, 2005). Apesar de caracterizar-se pela fugacidade, o voo suscita perigos, para os quais os cuidados a serem tomados parecem incipientes, dada a gravidade da situação, no caso de um acidente.

Assim, nos enunciados anteriormente expressos, a posição do sujeito que enuncia, explicando a partir de saberes científicos, produz efeitos de sentido relativos ao pavor que esse episódio pode provocar. Nesse sentido, convém antecipar que o sujeito, apesar de apontar para a raridade no número de ocorrências desse tipo de acidente, sinaliza para as possibilidades de que isso venha a ocorrer, de modo a recrudescer a sensação de insegurança já existente, em diversos setores da sociedade, ou nos termos de Bauman (2009a), o medo que satura nossas rotinas diárias.

O verbo no modo imperativo (“Saiba”) insere esse enunciado num determinado campo do saber, entendido como o lugar do esclarecimento, em que se supõe um sujeito a ser informado sobre um tema de considerável relevância, principalmente quando se pensa na maciça cobertura da mídia, no que se refere aos casos de acidentes aéreos. É justamente a partir desse saber que o sujeito enunciativo recorre a estatísticas (“43 a 54% dos pilotos admitiram ter adormecido”, “70 % de água”), as consequências advindas de um impacto do avião na água (“há uma chance de que você tenha hipotermia”), o funcionamento da aeronave (“Cada uma das partes do avião é fabricada com os materiais mais baratos possíveis para reduzir o custo”).

Tem-se, em resumo, um lugar de fala marcado por verdades cientificamente engendradas e, portanto, passíveis de retratar a realidade, pois são informações seguras e, em certa medida, irrefutáveis. Além disso, essa voz apresenta um tom sarcástico, em passagens como “a explosão do avião certamente irá cuidar do resto”, compondo uma curiosa simbiose de variações nos planos de fala.

Embora a posição sujeito, em algumas passagens do texto, advogue em favor do comportamento a ser tomado frente a um acidente, questionando, inclusive, a calma a ser mantida pelos passageiros (“Só que ter calma neste momento é coisa mais difícil do mundo, certo?”), o texto, no aspecto global, apresenta enunciados que sugerem um clima de insegurança constante, em se tratando de transporte aéreo. Essa atmosfera de desconfiança é reforçada pela apresentação, em *flashes*, de algumas fragilidades desse tipo de transporte.

Destarte, quando o sujeito enunciativo descreve a composição da aeronave, realça que esta é fabricada por materiais de baixo custo. Esse aspecto, a nosso ver, somado com a informação de que, ocasionalmente, as aeronaves decolam com menos combustível que o ideal, acentua o sentimento de insegurança, pois parece descortinar uma série de práticas potencialmente funestas à integridade física dos passageiros. A preservação da vida (FOUCAULT, 2008) encontra-se solapada, em função de determinadas práticas, realizadas em surdina, desconhecidas de boa parte dos usuários desse serviço.

As suposições concernentes à possibilidade de a aeronave cair no mar igualmente produzem efeitos de sentido de pânico, uma vez que são escassas as chances de sobrevivência. Em conjunto, os enunciados presentes na materialidade em foco emolduram, por meio de uma instância de diferenciação (FOUCAULT, 2010b), estratificam o objeto sobre o qual falamos. No interior de todos os medos contemporâneos, os enunciados compõem um lugar enunciativo para alertar acerca dos perigos inerentes ao transporte aéreo, apontando para uma posição segundo a qual os sujeitos que utilizam esse tipo de transporte não estão totalmente seguros.

Fulgura-se, nos termos de Courtine (2008), um governo pelo medo, a partir do qual provêm determinados tipos de subjetividade. Estar em alerta parece ser a lógica que arregimenta esse modo de gestão de si. A mídia instaura, pois, modos de

relacionar-se com esses perigos, na medida em que é preciso estar informado dos riscos, do funcionamento das aeronaves, do uso adequado do cinto de segurança, do comportamento dos pilotos a bordo, com vistas a contornar esse medo do administrável (BAUMAN, 2009a), engendrado pelas ameaças do/no ar.

As discussões fomentadas neste escrito tomaram como ponto de sustentação a possibilidade de analisarmos alguns discursos midiáticos, no intuito de traçarmos uma ligação entre os efeitos de sentido relativos ao medo e o agenciamento de um governo de si no cerne de um dispositivo de segurança, conforme postulado por Foucault (2008). Partimos da constatação de Courtine (2008), segundo a qual a mídia tem investido fortemente no sentido de produzir e fazer circular uma série de discursividades caracterizadas por uma referência ao medo, de maneira a produzir uma espécie de governo pelo medo.

Nas reflexões foucaultianas, o governo compreende as diversas formas de produção de subjetividade, na relação do sujeito consigo mesmo e com os outros, emolduradas a partir das mais variadas mecanismos de saber-poder. O dispositivo de segurança, entrelaçado à manutenção de uma cultura do medo, ampara discursos que fazem emergir determinados comportamentos, condutas, maneiras de ser e estar no mundo, visando conservar a vida dos sujeitos, no interior de um contingente populacional.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

COURTINE, J. J. Discursos líquidos, discursos sólidos: a mutação das discursividades contemporâneas. *In*: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008, p.11-19.

DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EGIDO, A. A memória e o Quixote. In: VIEIRA, M. A. C. (Org). *Dom Quixote: a Letra e os Caminhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p.101-138.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*; curso dado ao Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros*: curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

MONTAIGNE, M. *Os ensaios*: livro I. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2002.